

ONGs abrem caminhos para longe do crime

Opções como música, esporte e estudos fazem frente ao dinheiro fácil oferecido pelos bandidos

Paula Autran

• A. V., de 17 anos, é de Vigário Geral e há três anos se envolveu com companhias que sua mãe, evangélica, não aprovava. Queria chegar perto dos aviões que até então só vira de longe. No mês passado, depois de levar uma "facada", conseguiu. E passou a ostentar como troféu um par de tênis importado com que sempre havia sonhado.

Mas Amauri Vasconcelos não precisa se esconder atrás das iniciais de seu nome. Desde que se tornou percussionista e conseguiu convencer a mãe de que não estava freqüentando batuques de macumba, mas fazendo parte da ONG Afroreggae e ajudando a formar a banda Afrolata — que utiliza latas e extintores de incêndio como instrumentos —, ele conseguiu chegar onde nunca imaginou. E de avião, o maior dos sonhos.

— Quando soube que viajaria para o Caribe para representar Afrolata num congresso da Unesco, foi como se tivessem me atingido com um facão: a felicidade até doeu. Fui para Trinidad e Tobago, que eu nem sabia que existia. Só conhecia Vigário e o centro de Caxias. Nunca tinha ido à praia — relembra o menino, um dos muitos nascidos e criados em comunidades carentes do Rio que, apesar de terem tido todas as oportunidades de seguir o caminho fácil do tráfico, deram uma guinada na vida e estão chegando a algum lugar. — Perdi vários amigos. Dois deles já me disseram que queriam sair dessa vida. Eu posso andar tranquilamente. Eles não, porque a polícia vai atrás.

Boxe é uma das opções na luta por futuro melhor

A multiplicação de ONGs como o Afroreggae e o aumento do número de meninos engajados estão dando mais opções para os jovens dos morros.

— Existe um mito de que esses meninos só têm uma opção, a criminalidade. Mas a maioria ainda sonha em arrumar um trabalho de carteira assinada. Tentamos dar-lhes chances através da cultura, da arte, da cidadania. Como nem todos têm talento para artes, queremos investir mais nas ações educativas — diz José Júnior, diretor executivo do Afroreggae.

— Sempre propostas para entrar para o tráfico e o que



MOISÉS RICHARD: eletrotécnico agora ensina em laboratório da PUC

mais acontece na comunidade. Já recebi várias, mas esta não é a minha. Quero trabalhar, casar, ter filhos — confirma Leonardo Santos da Silva, de 17 anos, para quem não se envolver com traficantes foi uma luta.

Morador da favela Parque União, no complexo da Maré, o garoto chegou a ser ameaçado de morte porque estudava num bairro comandado por uma facção do tráfico diferente da de onde morava. Até que, há seis meses, começou a treinar boxe numa academia registrada pela Confederação Brasileira de Boxe e que faz parte de um projeto social Luta pela Paz. Foi matriculado em outra escola e ganhou um estágio na área de informática de uma empresa, onde acaba de ser contratado.

— Hoje eu faço o que mais gosto: trabalho, estudo e luto boxe. Sou alto. Quero ser um

Mike Tyson — diz ele, que ganha um salário-mínimo.

Como Leonardo, 36 meninos de 12 a 25 anos estão recebendo o mesmo treinamento, com aulas semanais de cidadania e resolução pacífica de conflitos. O projeto é coordenado pelo inglês Luke Dowdney que, além de lutador, é mestre em antropologia social pela Faculdade de Edimburgo, na Escócia, com tese sobre os problemas de violência na vida de crianças de rua e jovens de favela.

— Fui um delinqüente, e sei como o boxe pode ajudar a mudar uma vida.

Ex-traficante agora é padeiro

Por essas e por outras iniciativas, até jovens como Edivaldo Teodoro de Araújo, de 23 anos, já conseguem deixar para trás a dura realidade da vida no tráfico



BATENDO LATAS, Amauri chegou ao Caribe e quer seguir em frente



LEONARDO quer ser boxeador como Mike Tyson, casar-se e ter filhos

co para tornar seus sonhos mais palpáveis. No caso de Edivaldo, os sonhos agora são também palatáveis. Depois de um ano envolvido com traficantes, ele fez o curso de ajudante de cozinha da Escola de Hotelaria e Turismo do Rio, mantida por uma ONG suíça. Hoje é padeiro com estágio em restaurantes como o Garcia & Rodrigues.

— Todo mundo dizia que eu não tinha jeito para o crime. Consegui entrar e sair sem dever nada a ninguém — orgulha-se o rapaz, que ganha R\$ 300 fazendo pãesinhos como os de avelã e de frutas cristalizadas. — Antigamente, minha mãe não aceitava meu dinheiro. Agora estou ajudando a construir a casa que ela sempre quis ter, pois morávamos num barraco.

Moisés Richard Silva, de 22 anos, mora numa comunidade pobre na Taquara e viu bem de

perto uma história como a de Edivaldo. Só que sem final feliz.

— Meu irmão, Davi, saiu de casa aos 23 anos por causa do tráfico. Há cinco anos não o vejo. Nem sei se ainda está vivo — relembra o rapaz, cuja ambição maior era continuar trabalhando como eletrotécnico.

Até que se inscreveu no Pré-Vestibular para Negros e Carentes, ligado à ONG Educafro. Acabou passando para Desenho Industrial na PUC, ganhou bolsa e se tornou um dos cinco melhores alunos da turma e monitor no laboratório de volumes.

— Sempre gostei de desenho, de arte. Mas tinha certeza de que não iria passar no vestibular porque sempre estudei em escola pública — conta o rapaz, bolsista, que não teria como pagar a mensalidade, em torno de mil reais, e agora quer fazer mestrado e doutorado. ■